MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

A LUTA E O LUTO

Uma pesquisa sobre as correlações entre trabalho e epidemia da Covid-19 identificou as atividades ocupacionais das vítimas da doença na cidade de São Paulo. Os dados revelam que 37,8% delas tinham um emprego remunerado. Um percentual maior, de 47,9%, eram aposentados (32,2%) ou donas de casa (15,7%). Outras 1,3% estavam desempregadas e 0,2% estudavam.

LUTO 2 O elevado percentual de mortos entre aposentados e donas de casa pode estar associado a fatores como idade mais avançada e também ao contágio por parentes que levam o vírus para suas casas. Pode ser consequência ainda de idas constantes ao mercado, à farmácia e a consultas médicas, afirma o Instituto Pólis, que fez a pesquisa.

LUTO 3 Dentre os trabalhadores remunerados, o maior percentual de óbitos está concentrado no setor de serviços: 24,3%, contra 8,2% da indústria e 5% do comércio.

LUTO 4 As maiores vítimas do setor de serviços foram os trabalhadores de ocupações administrativas e informacionais (4%), de transporte e tráfego (3,2%) e as empregadas domésticas (2,3%).

LUTO 5 O instituto nota que 6,5% dos que morreram de Covid-19 na cidade trabalhavam em atividades que deveriam ter sido suspensas, como construção civil e trabalho doméstico. Mas que foram consideradas essenciais e seguem sendo exercidas sem restrições.

PERFIL A entidade afirma que é preciso debater o que é considerado realmente essencial. "O perfil dessas ocupações que permanecem em atividade, mas que poderiam ter sido poupadas, é marcado pela predominância de pessoas com baixa escolaridade e pela proporção de trabalhadoras e trabalhadores negros acima da média municipal", diz.

PERFIL 2 Do total, 76,7% dos mortos na cidade de São Paulo não completaram o ciclo de educação básica, ou seja, tinham 11 anos ou menos de estudo. O dado, segundo os pesquisadores, demonstra que a mortalidade por Covid-19 é maior entre os trabalhadores mais pobres, impossibilitados de exercer o trabalho remoto.

BASE O Instituto Pólis usou dados da base de mortalidade da Secretaria de Saúde do município de São Paulo, obtidos por meio da Lei de Acesso à Informação. O período estudado vai de março de 2020 a março de 2021, quando cerca de 30 mil pessoas morreram na capital paulista.

EM BAIXA O ex-ministro da Saúde Eduardo Pazuello obteve um apoio pífio nas redes sociais na semana passada após depor na CPI da Covid — apenas 5,25% das postagens feitas até sexta (21) eram favoráveis a ele.

QUERIDO CHEFE Pazuello é a segunda figura política mais citada dentro do contexto da comissão, ficando atrás apenas do presidente Jair Bolsonaro (sem partido). A análise é da agência .MAP, a partir de um universo de 1,4 milhão de posts diários.

QUARENTENA

1 @ritalee_oficial no Instagram

2 @tainamuller no Instagram

3 @chay no Instagram

A cantora Rita Lee 1 posou para um retrato. "Passando aqui despretensiosamente pra dar um 'oi'", postou a atriz Tainá Müller 2. O ator Chay Suede 3 compartilhou uma selfie

NAPILHA A apresentadora Xuxa Meneghel, a atriz Julia Lemmertz, o youtuber Felipe Neto, o ex-futebolista Walter Casagrande e o escritor Raduan Nassar são algumas das personalidades que assinam um pedido de impeachment do presidente Jair Bolsonaro que será protocolado nesta segunda (24) pelo Movimento Vidas Brasileiras. A solicitação é baseada na "condução desastrosa" da epidemia de Covid-19 pelo governo federal.

LUPA A Comissão de Conduta Ética do Ibama recebeu uma representação contra o superintendente de Apuração de Infrações do órgão, Wagner Tadeu Matiota, afastado do cargo na quarta (19) por ordem do Supremo Tribunal Federal. Ele é um dos oito servidores investigados pela Polícia Federal por supostos crimes praticados junto a empresários do ramo madeireiro.

CHEFIA A ação foi apresentada pelo deputado Ivan Valente (PSOL-SP), que pede apuração da conduta de Matiota. Ele afirma haver indícios de que o servidor tentou coagir subordinados a omitir informações sobre a atuação do Ibama.

PÁGINAS Um livro sobre o impacto do atentado terrorista de 11 de setembro de 2001 na vida de sete muçulmanos marca a estreia da editora Fósforo. A obra "O Vento Mudou de Direção", escrita pela jornalista Simone Duarte, será lançada em setembro deste ano.

com Bruno B. Soraggi, Bianka Vieira e Victoria Azevedo

Paulo Mendes da Rocha em seu escritório, no centro de São Paulo, em 2013 Fabio Braga/Folhapress

Mendes da Rocha não cedeu à nostalgia nem aguentava a bajulação

Socrático por natureza, arquiteto morto neste domingo formou gerações e projetava sempre indagando os outros

ANÁLISE

Guilherme Wisnik

Arquiteto e professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, é autor de 'Dentro do Nevoeiro', entre outros livros

"Cuide para nunca levantar atenção demasiada sobre a sua pessoa." Esse, segundo Paulo Mendes da Rocha, era um precioso ensinamento transmitido há tempos pelo seu professor de línguas no Colégio São Bento, o italiano Tranquillo Tranquilli.

Mendes da Rocha, que morreu neste domingo de câncer de pulmão, aos 92 anos, se lembrava disso com um misto de humor e contrariedade nos dias seguintes ao anúncio do prestigioso prêmio Pritzker, vencido por ele em 2006. "Onde eu estava com a cabeça para não seguir aqueles conselhos?", me disse ele então, de forma intranquila.

E não era uma fala retórica. Naquela semana, toda a imprensa arquitetônica (e cultural) do mundo ligou para o seu escritório, na rua Bento Freitas, querendo entrevistá-lo. E me lembro de o ter visto, mais de uma vez, deixar o telefone tocar sem atender, ou desligar subitamente após ouvir alguém falando inglês.

Não por esnobismo, nem, ao contrário, por modéstia, mas por realmente não aguentar muita bajulação. Seu temperamento sempre foi de um antiarrivismo incondicional.

Desde que o conheci, no início dos anos 1990, Mendes da Rocha sempre se fez cercar de jovens. Sua vida se passava, majoritariamente, na "rua", isto é, na cidade, entre o Pandoro, os botecos do centro, e no caminho entre os escritórios da rua General Jardim — o seu próprio, no prédio do Instituto de Arquitetos do Brasil, e os de seus colaboradores.

Tenho a impressão de que, para ele, nenhuma cidade do mundo produziu uma vida urbana mais intensa e admirável do que a que existe no raio entre os edifícios Copan e Conjunto Nacional.

Exímio contador de histórias, Mendes da Rocha, ao mesmo tempo, não gostava de jogar conversa fora. Isto é, exigiu sempre de seus jovens assistentes atenção e comprometimento em suas posições, tanto ao fazer projeto quanto ao conversar sobre um assunto qualquer.

Socrático por natureza, projetava indagando sempre os outros. E ai de quem tivesse uma posição frouxa diante de um assunto, ou de uma decisão de projeto. A confrontação de opiniões, nesses casos, foi sempre muito bem-vinda, mas não a atitude passiva, ou displicente.

E embora não fosse fácil se recuperar de certas broncas dadas por ele em situações assim, é comovente pensar o quanto elas sempre revelaram uma atenção muito grande sua em relação aos jovens, de várias gerações, que ele decidiu formar.

Num tempo em que as pessoas agem cada vez mais de forma calculada para serem agradáveis e superficiais, ele, ao contrário, deixava marcada a sua ferroada escorpiônica. Atitude educativa, e extremamente generosa com os outros.

Seus atendimentos de projeto, nos estúdios da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, eram espetáculos para multidões. Ávidos por aprendizado, os alunos se aglomeravam em rodas apinhadas ao redor do professor, que não falava de arquitetura, mas de temas que nos tirassem o chão, que desconstruíssem as ideias prontas, e nos pusessem numa posição de crise perante a criação e perante a vida.

Filho de engenheiro, Mendes da Rocha tinha uma compreensão do humano orientada pela técnica, como homo faber. Segundo ele, "é impossível pensar em transformações formais se não se sabe como realizá-las", pois "raciocina-se com a engenhosidade possível, não se pensa com formas autônomas ou independentes de uma visão fabril delas mesmas".

Ao mesmo tempo, nas últimas décadas, ele contrabalançou cada vez mais esse discurso, afirmando que "a arquitetura é a construção da imprevisibilidade da vida". O que nos leva a pensar que a particularidade do humano talvez não seja a técnica (faber), mas o jogo, a fantasia criadora (ludens).

No fundo, fica claro que o aparente tecnicismo do seu discurso é humanista. Já que técnica é linguagem, manejo operacional do raciocínio, instrumento de intelecção. Algo que, portanto, precede o arbítrio da forma e a informa.

Numa série de vídeos feitos pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, em 1989, disponíveis no YouTube, o arquiteto explica a concepção arquitetônica do MuBE, o Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Em suas palavras, a grande viga-marquise de concreto protendido que demarca espacialmente o museu, com seu vão livre de 60 metros, é uma "pedra no céu".

É uma imagem que explicita o paradoxo poético que está na gênese do projeto, um monolito pesado que parece flutuar. Ideia inspirada na tela "Les Idées Claires", de René Magritte, na qual um meteorito aparece congelado no ar, como se a gravidade tivesse sido subitamente suprimida.

Mas, se a tela surrealista é a figuração de um enigma, a arquitetura de concreto do MuBE lida com um complexo jogo de pesos, empuxos e tensões. Jogo no qual a lírica formalização do desenho é permanentemente negociada com a resistência da matéria, com o núcleo duro do real — ensinamento que volta a se mostrar cada vez mais importante num país em decomposição, cujos pilares (ou a miragem que um dia tivemos deles) se esfacelam no ar feito areia ao vento.

Mendes da Rocha, no entanto, não nos deixa ser saudosistas, imobilizados pela idealização de um passado glorioso. O inacabamento da existência é a nossa condição, nosso desafio e motor sobre a Terra, e nos joga sempre para a frente. Assim, sua postura antinostálgica nos exige força, comprometimento e alegria.

"Não podemos ter saudades de nada", dizia. "A experiência não deixa saudades. Dá um ímpeto desgraçado para o futuro."

Leia mais na pág. B14